
Um personagem, múltiplas raças: a representação racial do Heathcliff nas adaptações de O Morro dos Ventos Uivantes (1939 e 2011)¹

Ellen Sayuri Okido Matsumoto²

Giovanne Gabriel Ramos André³

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP

Resumo

Este artigo analisa como a racialização do personagem Heathcliff nas adaptações cinematográficas de *O Morro dos Ventos Uivantes* (1939 e 2011) impacta a recepção e a interpretação da obra literária de Emily Brontë. Dialogando com os estudos de representação (Hall, 2003), outridade (Carneiro, 2005) e necropolítica (Mbembe, 2019), a pesquisa realiza uma análise comparativa entre as duas produções, observando como o apagamento ou a evidência da negritude de Heathcliff se inscreve na linguagem cinematográfica e nas leituras críticas da narrativa original. A pesquisa utiliza metodologia qualitativa de caráter bibliográfico e fílmico, com suporte teórico nas abordagens de adaptação (Stam, 2000; Andrew, 2000).

Palavra-chave: representação racial; cinema; Heathcliff; Emily Brontë; adaptação literária.

Introdução

Lançado em 1847 sob pseudônimo masculino "Ellis Bell", *O Morro dos Ventos Uivantes* é uma das obras mais enigmáticas e transgressoras da literatura inglesa do século XIX. Escrito por Emily Brontë, o romance desafia convenções de gênero, raça, moralidade e estrutura narrativa. Entre seus personagens, destaca-se Heathcliff, figura central da obra cuja origem é marcada pela obscuridade e por indicativos constantes de alteridade.

Durante o material de Brontë, o leitor possui apenas alguns indícios de sua racialidade. A autora utiliza de recursos verbais para camuflar ou esconder a verdadeira origem e identidade racial de Heathcliff, o que é importante, já que seu enredo se desdobra de comportamentos discriminatórios de outros personagens na obra.

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, Mestranda em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP. E-mail: ellen.savuri@unesp.br

³ Jornalista, Mestrando em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP. E-mail: giovanne.andre@unesp.br

Algo curioso deve ser destacado sobre *O Morro dos Ventos Uivantes*, ao menos no que se refere às suas adaptações cinematográficas: ao longo das décadas, adaptações ao cinema da obra negligenciaram esses aspectos, reforçando uma interpretação "universalizante" do personagem.

Desde o cinema mudo até o contemporâneo, já foram levantadas⁴ pelo menos 10 adaptações de *O Morro dos Ventos Uivantes* para as telas. Em todas elas, a racialidade de Heathcliff foi adaptada para comportar a trama sugerida por suas sinopses — sem uma unidade concordante de sua raça. Somente em 2011, na versão dirigida por Andrea Arnold, Heathcliff foi representado por um ator negro.

É importante também destacar na introdução deste estudo a importância de se fazer uma leitura racializada do personagem Heathcliff. A obra *O Morro dos Ventos Uivantes* por si só já é um material importante de ser estudado por sua origem fora das curvas históricas: um clássico literário do século XIX por uma autora mulher. A obra intensifica sua originalidade à frente de seu tempo quando Emily Brontë também se propõe a abordar temas considerados tabus para a sociedade que circundava o período de lançamento do livro. Conflitos de gênero e classe passariam também a dividir espaço com o da interracialidade.

Para além dos elementos descritos por Brontë durante a sua obra, que serão futuramente destacados nesse estudo, a história da autora permite afirmar essa escolha para a sua obra. Parte, principalmente, do reflexo de sua identidade que foi traduzida em enunciados do romance. No artigo de Torres e de Freitas (2022), as autoras apontam como Emily Brontë pode se revelar, a partir de sua obra, o personagem Heathcliff. Mesmo as mulheres letradas sendo vistas com maus olhos pela sociedade de estrutura machista e patriarcal do período, Emily tece críticas à sociedade de sua época. Tudo isso, de acordo com Torres e de Freitas (2022) é construído nas relações movidas pelo interesse disfarçadas de romance e aos preconceitos de classe e raça.

No estudo de Moraes (2021), a pesquisadora ressalta que Emily não escrevia para um público alvo inglês, já que por muito tempo não tinha pretensões de publicar suas obras. Isso fortalece a instrução e educação recebida por Brontë. Em um artigo de O'Callaghan e Stewart (2020), fruto de uma conversa entre os autores em torno da

⁴ Em 2020, o blog Darkside fez um levantamento das adaptações mundiais da obra "O Morro dos Ventos Uivantes" para as telas do cinema e da televisão. Disponível [neste link](#).

questão racial no romance *O Morro dos Ventos Uivantes* e de sua releitura no documentário de Adam Low (*A Regular Black*) e no romance de Stewart (Ill Will, 2018), os autores evocam o fato de Patrick Brontë, pai da autora, ser abolicionista.

Por que Patrick não discutiria a abolição com os filhos, especialmente se havia pessoas escravizadas trabalhando em fazendas nos arredores de Haworth? Com certeza eles falavam sobre essas coisas. Eles se interessavam por justiça em todas as esferas — direitos das mulheres, abolicionismo, direitos dos trabalhadores. Patrick era bastante vocal sobre isso. Então essas conversas certamente faziam parte do cotidiano da família. (O'Callaghan; Stewart, 2020, p.11-12)

A passagem junto de outros artifícios utilizados por Brontë em sua escrita nos permite uma interpretação inicial de que Heathcliff é uma pessoa, no mínimo, birracial. Falas como a do romancista contemporâneo Caryl Phillips, no documentário *A Regular Black*, abrem abertura para interpretações características do personagem controverso. Phillips aponta o uso do termo "isso" para se referir à Heathcliff e a frase "seu dono". Apenas no capítulo quatro de *O Morro dos Ventos Uivantes*, na cena em que o Sr. Earnshaw — o seu responsável — retorna de Liverpool, a palavra "isso" aparece de forma destacada por pelo menos dezessete vezes. Para O'Callaghan (2020), isso evoca claramente a linguagem da escravidão e da propriedade "temas que o romance aborda de forma mais ampla".

Já Stewart (2020) se apoia na ideia de que a etnia de Heathcliff é mais um tema sobre o qual ela se recusa a tomar uma posição definitiva. Outras racialidades são citadas ao longo da obra: "cigano", "lascar", "americano", "espanhol". Mas adiante, no mesmo artigo, relembra outras descrições dadas ao personagem: "escuro, quase como se viesse do diabo" (*Morro dos Ventos Uivantes*, p.39); "vilão negro" (*Morro dos Ventos Uivantes*, p. 119); tem uma "fisionomia negra" (*Morro dos Ventos Uivantes*, p. 190); e há referências à "negritude [visível] através de seus traços" (*O Morro dos Ventos Uivantes*, p. 194).

A frase reveladora, por sua vez, é a "Um negro de verdade" (*Morro dos Ventos Uivantes*, p. 61). Uma das personagens a usa para dizer "se você fosse um negro de verdade", mas não completa a frase. Ela deixa no ar para o leitor refletir, assim como a autora o faz.

Este artigo parte da pergunta: como a racialização de Heathcliff transforma a narrativa adaptada de *O Morro dos Ventos Uivantes*? A investigação considera dois

momentos-chave: o filme de 1939, clássico hollywoodiano protagonizado por Laurence Olivier, e o de 2011, com James Howson no papel de Heathcliff. A comparação entre essas produções permite evidenciar não apenas mudanças estéticas, mas também o deslocamento ideológico que ocorre quando uma obra clássica é reconfigurada sob uma perspectiva racializada. Metodologicamente, esta análise crítica baseia-se em um levantamento de cenas-chave, falas dos personagens, estudos acadêmicos e aportes da teoria crítica da representação e da racialidade.

Representação e Identidade Racial

Segundo Stuart Hall (2003), a representação não é um espelho neutro da realidade, mas uma prática discursiva que produz sentidos e identidades. Nesse contexto, a imagem do sujeito negro, quando presente, costuma ser atravessada por estereótipos e violências simbólicas. Sueli Carneiro (2005) denomina esse fenômeno como "outridade": o lugar social destinado àquele que não é reconhecido como parte do "nós" hegemônico.

No campo da literatura, esse processo se evidencia historicamente na ausência de protagonistas negros ou na atribuição de características racializadas apenas a vilões, escravos ou figuras caricatas. Heathcliff, enquanto figura de contornos ambíguos, ocupa uma zona liminar entre o humano e o monstruoso, o civilizado e o bárbaro, o europeu e o estrangeiro. O silenciamento racial em sua construção narrativa não é inocente: ele reflete o projeto colonial de ocultação da violência fundadora do império britânico.

Tais reflexões são fundamentais para compreendermos o silenciamento histórico da dimensão racial de Heathcliff nas adaptações anteriores a 2011. Como aponta Claire O'Callaghan (2020), a presença de um personagem racializado em contexto rural vitoriano gera desconforto justamente por expor as fissuras do humanismo europeu. O romance de Brontë, embora ambíguo, deixa indícios semânticos da negritude de Heathcliff, como na frequente associação a termos como "isso", "cigano", "diabo" e "negro" (BRONTË, 1847).

Em *O Morro dos Ventos Uivantes*, a origem de Heathcliff é envolta em mistério. Encontrado em Liverpool por Mr. Earnshaw, o menino é descrito como “escuro como se tivesse vindo do diabo” e “um vilão negro” (BRONTË, 1847, p. 39; 119). Caryl Phillips (2010) e Michael Stewart (2018) sugerem que sua chegada à propriedade pode estar

ligada ao tráfico atlântico de escravizados, já que Liverpool era um dos principais portos negreiros da Inglaterra no século XVIII. A insistência na palavra "isso" (*O Morro dos Ventos Uivantes*, cap. IV) para se referir a ele indica uma desumanização ancorada na linguagem da propriedade.

Como lembra Mbembe (2019), o necropoder é exercido não apenas por meio da morte física, mas também pela exclusão simbólica de certos corpos do domínio do humano. Heathcliff é, portanto, construído como um corpo fora da normatividade branca vitoriana. Essa condição marginal é transposta para sua trajetória narrativa, marcada pela rejeição, vingança e impossibilidade de redenção. Ainda que Heathcliff alcance riqueza e poder, sua condição de estrangeiro racializado nunca é superada completamente, sendo constantemente lembrado de sua origem por meio de injúrias, exclusão afetiva e violência simbólica.

A adaptação de 1939: apagamento racial em linguagem clássica

A adaptação de 1939, dirigida por William Wyler, é considerada uma das mais influentes do cânone cinematográfico. Nela, Heathcliff é interpretado por Laurence Olivier, ator branco, elegante, e considerado pelos estadunidenses de sua época como pertencente a traços aristocráticos. Apesar de algumas falas que o associam a "cigano" e a um "mendigo sujo" (como em 14:37 e 20:30), a produção elimina qualquer sugestão visual ou explícita de sua etnicidade. A escolha de Wyler por ignorar os traços raciais do personagem acompanha o padrão da indústria cinematográfica da época, em que a representação de personagens negros era marginal ou estereotipada.

Para se ter uma ideia, o título de primeira protagonista negra em um filme de Hollywood é frequentemente atribuído a Dorothy Dandridge, em seu papel na obra *Carmen Jones* em 1954. Hattie McDaniel, no entanto, foi a primeira atriz negra a ser reconhecida pela crítica especializada. Em 1940, a atriz foi premiada pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas com o prêmio Oscar, na categoria de "Melhor Atriz Coadjuvante" por seu papel em *E o Vento Levou* (1939).

Como apontado por Simone Matos (2024), o Heathcliff de 1939 é romantizado e domesticado, reduzido a um anti-herói trágico e apaixonado, sem vínculos com experiências de exclusão racial ou colonial. É a tradução perfeita do tipo hollywoodiano universal, cuja universalidade é marcada, como lembra Hall (2003), pela branquitude. O

romance trágico é ressignificado como uma história de amor frustrado, diluindo o potencial político e subversivo da personagem original.

Recorremos à uma análise fílmica da adaptação cinematográfica de 1939 em busca de referências verbais das personagens que pudessem, em algum momento, fazer menção em relação a racialidade de Heathcliff. Cerca de nove menções foram contabilizadas, sendo a maior parte delas (6) em referência ao fato dele poder ser um cigano, mesmo que a personagem seja interpretada por uma pessoa branca.

As frases são: "Cigano Mendigo!", como mostra a Figura 1; "Heathcliff, coloque a sela no meu cavalo. Rápido, cigano mendigo"; "Não entendo como seu irmão permite esse cigano em sua casa"; "A Alma do cigano apoderou-se de você"; "Se fugiu com o cigano, deixe-a fugir"; e "Todos dirão que fiz o certo livrando-o de um cigano maldito", como mostra a Figura 2.

Também chamam atenção duas frases que possam abrir margem de interpretação de identidades raciais distintas: "Embora esteja sujo como se viesse do inferno"; "Não, até que gastei 2 libras para saber quem era o dono", como mostra a Figura 3; e "Disseram que seu pai era imperador da China e sua mãe rainha da Índia", como mostra a Figura 4.



Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4

O material recolhido na primeira análise da adaptação cinematográfica de 1939 permite-nos interpretar que não houve uma escolha de destacar a preocupação ou a linguagem ambígua da raça de Heathcliff. Pelo contrário, as escolhas podem causar ainda mais confusão para um leitor desatento. Se trata de um ator branco sem traços que permitam o ser enxergado como uma pessoa birracial. No entanto, se faz na obra uma escolha definidora de como a personagem é vista: o uso da denominação cigana. Justificando as alteridades sofridas por Heathcliff.

A adaptação de 2011: Heathcliff negro e a ruptura com o clássico

O diretor Andrea Arnold reescreve a narrativa ao escalar um ator negro (James Howson) como Heathcliff, em sua adaptação de *O Morro dos Ventos Uivantes*, lançado em 2011. A recepção crítica foi polarizada. Uma análise mista⁵ apontou como intrigante a escolha do protagonista ser alguém negro.

Transformar Heathcliff de cigano em ex-escravo negro é uma ideia intrigante — talvez o elemento mais convincente da história retrabalhada, dirigida por Andrea Arnold (Aquário). Mas quando ele é maltratado, um ângulo racial é inserido na história, o que a muda consideravelmente. (Puig, 2012).

A versão de 2011 acentua o elemento racial com frases como: "Ele não passa de um negro", como na Figura 5 e "Você sempre foi um negro ladrão!" como na Figura 6, explicitando violências verbais inexistentes na versão anterior.

⁵ A jornalista Claudia Puig avaliou o filme com a nota 5 de 10 no veículo Usa Today. Consulte [neste link](#).

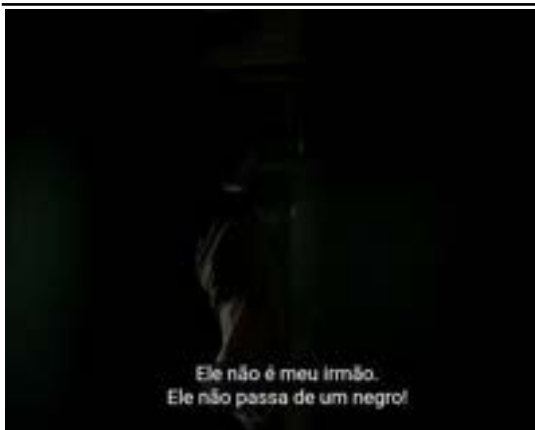


Figura 5



Figura 6

Uma crítica positiva⁶ do veículo britânico The Guardian, enaltece a escolha do diretor em dar luzes à racialidade do personagem de forma explícita, de maneira que o enredo possa desdobrar a partir dessa informação.

Heathcliff é reimaginado, não como o cigano vagamente exótico de pele escura, mas simplesmente como negro, e confrontado com racismo aberto e brutal daqueles de sua nova família que se ressentem do estranho e estão determinados a tratá-lo como qualquer animal de fazenda. (Bradshaw, 2011).

A pesquisadora Santana (2016) destaca que a direção de fotografia, o uso de câmera na mão e a construção de silêncios reforçam a interioridade do personagem, o que, somado à sua negritude, cria um campo de ressonância simbólica entre marginalidade, afeto e resistência. Arnold rompe com a tradição clássica e insere Morro dos Ventos Uivantes/Wuthering Heights no debate contemporâneo sobre representação, pertencimento e reparação histórica.

A paisagem áspera e a câmera subjetiva tornam o ambiente um reflexo do trauma e da exclusão social de Heathcliff, intensificando sua condição de corpo racializado na periferia da sociedade inglesa.

Considerações finais

A análise das duas adaptações evidencia que a representação racial de Heathcliff não é um detalhe estético, mas uma decisão ideológica com potências de ressignificação. Em 1939, Hollywood reforça um apagamento racial, alinhando-se ao

⁶ O crítico de cinema Peter Bradshaw avaliou o filme com uma nota 4 de 5 no veículo The Guardian. Consulte [neste link](#).

projeto de branqueamento do clássico. Em 2011, Arnold promove um gesto de visibilidade que coloca em evidência temas de exclusão, escravidão e colonialismo presentes, ainda que silenciados, na obra de Brontë.

O caso de Heathcliff negro é, portanto, um exemplo paradigmático de como o cinema pode tensionar os limites da memória cultural, desafiando convenções e expandindo horizontes interpretativos. Mais do que uma mudança de cor, trata-se de uma mudança de leitura, de escuta e de reconhecimento.

O gesto de racializar Heathcliff amplia o campo de possibilidades hermenêuticas para as adaptações cinematográficas e expõe as camadas ideológicas que atuam sobre o cânone literário ocidental.

Referências

ARNOLD, Andrea (Dir.). *Wuthering Heights*. 2011.

BECKER, Juremir Machado. *A cultura no singular*. Sulina, 2016.

BRONTË, Emily. *O Morro dos Ventos Uivantes*. São Paulo: Martin Claret, 1847.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. In: _____. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. Selo Negro, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A, 2003.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. n-1 edições, 2019.

MATOS, Simone Rodrigues de. *Literatura e cinema: análise comparativa do personagem Heathcliff*. UEMA, 2024.

O'CALLAGHAN, Claire; STEWART, Michael. *Heathcliff, race and Adam Low's documentary A Regular Black*. 2020.

PHILLIPS, Caryl. *A Regular Black: The Hidden Wuthering Heights*. Dir. Adam Low, 2010.

SANTANA, Senaria Oliveira da Silva. *Ouvindo os ventos de Yorkshire*. UNEB, 2016.



WYLER, William (Dir.). *Wuthering Heights*. 1939.